

2º DOMINGO NA QUARESMA

1º DE MARÇO DE 2026

JOÃO 3.1-17

1 TEXTOS DA TRIENAL

1.1 Salmo 121

Possivelmente trata-se de um salmo de um peregrino que se depara com os montes de Jerusalém. Vale lembrar que o povo de Israel constantemente precisava peregrinar para Jerusalém e passar por terrenos acidentados e perigosos; cantar salmos de peregrinação fazia parte da viagem. Deus, o Criador de todas as coisas, é o seu ajudador.

Há uma busca por socorro e, na sequência, a resposta de que é o SENHOR quem guarda Israel, quem te guarda em todos os momentos e te guardará para sempre. O Senhor, que tudo criou e governa, é quem cuida do seu povo, também em sua jornada nesta vida e para a eternidade.

1.2 Gênesis 12.1-9

Este chamado de Deus a Abrão é um chamado para confiar a vida e o futuro ao Senhor, que o conduziu para uma terra distante de sua parentela, mas uma terra prometida, onde, um dia, todos os habitantes da terra seriam abençoados com o caminho para a verdadeira Terra Prometida.

Destaque para as palavras de bênção ditas a Abrão: “Sê tu uma bênção!” e “Em ti todas as famílias da terra serão benditas.”

1.3 Romanos 4.1-8, 13-17

A grande questão no capítulo 4 é a justificação de Abraão, não pelas obras, mas pela fé. Pois, ao contrário do que os rabinos de Israel afirmavam, dizendo que Abraão teria

sido justificado por cumprir a Lei, o apóstolo Paulo contrapõe, apresentando a justificação como algo atribuído a Abraão, que creu em Deus.

Isso fica ainda mais evidente nas palavras do salmista Davi, que declara ser feliz o homem a quem Deus não imputa pecado. Se o perdão de pecados viesse por meio de nossas obras, quando saberíamos se temos obras suficientes?

1.4 João 3.1-17

Esta é uma das conversas mais profundas e marcantes de Jesus com um fariseu, registrada no Evangelho de João. É desse diálogo que nasce um dos versículos mais queridos pelos cristãos: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Aqui fica evidente que o que salva e justifica é a fé no Filho de Deus, o qual foi levantado na cruz, no monte Calvário, para dar vida e abençoar toda a humanidade, e não as obras da Lei. Pois não são as obras que nos justificam diante de Deus, como pensavam os fariseus, mas o nascer de novo pelo Espírito, como Jesus afirma a Nicodemos.

2 APROFUNDANDO O TEXTO: JOÃO 3.1-17

2.1 Versículos 1-2

Nicodemos pertencia ao Sinédrio; era um importante fariseu. Ele vai encontrar-se com Jesus à noite, o que pode sugerir o sigilo de alguém respeitado entre os fariseus que busca manter discrição em seu interesse pelo Nazareno, ou simplesmente por medo ou então por ser costume discutir assuntos doutrinários durante a noite no Sinédrio. No Evangelho de João, temos o contraste entre trevas e luz; pode-se sugerir que Nicodemos sai das trevas do mal em direção a Jesus, a verdadeira luz do mundo.

“Rabi”: a forma como Nicodemos se refere a Jesus demonstra respeito. Nicodemos entende que os sinais são evidências legítimas da presença de Deus e, para os fariseus que não esperavam encontrar um profeta, isso é incomum.

Vale lembrar que Nicodemos auxilia José de Arimateia a conceder um sepultamento digno ao Senhor Jesus após a sua crucificação.

2.2 Versículos 3-7

ἀμὴν, ἀμὴν – Destaca a afirmação de Jesus de que o que vem a seguir é a verdade. Geralmente, o sentido de “amém” é traduzido por “assim seja”; neste caso, João registra a ênfase no ensino que Jesus dará a seguir, como verdade que precisa ser ouvida e recebida com fé verdadeira.

Ἀνωθεν – Geralmente traduzida por “de novo”, mas pode ser entendida como “do alto”. Ou seja, “se alguém não nascer do alto”, envolve uma renovação, um nascimento espiritual no qual Deus é o agente da ação. Lembrando que nascer é sempre um ato passivo. Ser gerado do alto é ser um novo ser gerado por Deus.

“Reino de Deus” – O foco está em Jesus; ele traz o Reino de Deus até o ser humano. O Reino de Deus é revelado e vem em Jesus crucificado, o Cordeiro de Deus, que, na perfeita humildade de sua paixão, demonstra ser o verdadeiro Filho de Deus (Jo 19.7; 20.31). A filiação divina de Jesus, sua paixão e morte e o Reino de Deus estão profundamente interligados. Da mesma forma, o crente como filho de Deus, a participação na morte de Cristo por meio do Batismo e o ver o Reino de Deus também estão unidos. Participar da morte de Cristo é ser “gerado do alto” (Jo 3.3), e, na remoção do pecado, contempla-se o governo misericordioso de Deus.

A expressão “Reino de Deus” em João 3.3 e 3.5 remete retrospectivamente à confissão do Batista de que Jesus é o Cordeiro de Deus (Jo 1.29,36) e o Filho de Deus (Jo 1.34), e prospectivamente às palavras de Jesus sobre a necessidade da exaltação do Filho do Homem (Jo 3.14). Da mesma forma, “ver” o Reino de Deus (Jo 3.3) prepara a referência à Luz que vem ao mundo (Jo 3.19-21), referência que aponta principalmente para a morte de Jesus.

A nova vida concedida pelo Espírito assume a forma da cruz de Cristo. O discípulo de Jesus, como filho de Deus, vive na liberdade do pecado (Jo 1.29; 8.32-36; 1Jo 3.5-6) e segundo o amor de Deus. Portanto, é correto afirmar que ver o Reino de Deus é crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31), e que a forma dessa fé é o Cristo crucificado (Weinrich).

Ἐξ – “de” ou “da”. Essa preposição está ligada tanto a “água” como ao “Espírito”. Não há um batismo de água e um do Espírito, mas um só Batismo. Podemos compreender o Batismo como esse nascer do alto; é uma transformação que o Espírito Santo opera em nós. Nascemos para Deus, somos chamados filhos de Deus, somos revestidos de Cristo. “Pelo Batismo somos recebidos na cristandade.”

Nossa natureza humana vem da carne — σάρξ. Somos gerados por nossos pais e herdamos suas características, especialmente a inclinação para o pecado. “Em pecado fui concebido.” O nascimento espiritual se dá pela ação do próprio Espírito em nossa vida. É ele quem chama, congrega, ilumina e santifica; é quem nos une a Cristo Jesus e nos garante a vitória de Cristo. Jesus também confronta a segurança de Nicodemos pelo pensamento comum de estar “garantido” sendo da linhagem de Abraão.

Nesta palavra de Jesus, “ver” significa participar, isto é, receber e possuir. Jesus não é apenas o Revelador da sabedoria espiritual que vem do alto e transmite discernimento espiritual. Ele é a Palavra criadora, por meio da qual todas as coisas foram feitas (Jo 1.3) e que, como Palavra encarnada, realiza a vontade e a sabedoria de Deus por meio de suas palavras e obras. Ele revela fazendo novo.

É isso também que está implícito na expressão “gerado do alto” (Jo 3.3). “Gerar” indica a criação de um filho, alguém que é imagem da vontade do pai. Nascer do alto é nascer pela descida do Espírito Santo, que traz à luz uma nova criatura, concebida no amor de Deus e renovada pela remoção do pecado (Jo 1.29; 3.14-16; 19.30-34). Lutero compreendeu corretamente quão radical é essa noção: nascer de novo é “tornar-se uma nova pessoa”; é “uma renovação do ser” (Weinrich). Vale a pena conferir o texto de Ezequiel 36.25-27, onde Deus faz um movimento em direção ao povo aspergindo sobre eles água e dando a eles o Espírito, restaurando o povo. (É no mínimo interessante, pensando no texto de Gênesis, com o qual João faz o jogo de Palavras no início do evangelho, que no princípio o Espírito se movia sobre as águas, antes de Deus criar todas as coisas. Água e Espírito se fazem presentes no ato de criação, ou recriação no Batismo, como novas criaturas.)

2.3 Versículo 8

Jesus ilustra para Nicodemos que não temos controle nessa ação do nascer de novo (ou do alto). Assim como não controlamos o vento (mas Jesus, sim), esse novo nascimento não é uma decisão nossa, nem um ato em que o ser humano é protagonista, mas uma obra exclusiva de Deus. Só Deus pode mover e renovar um coração.

2.4 Versículos 9-13

“Nós falamos” – Interessante o uso do plural que Jesus faz em sua resposta a Nicodemos. Possivelmente ele inclui no “nós” todos os profetas do AT e seus seguidores que dão testemunho. Há uma referência a João Batista, quando levamos em conta o evangelho de João como um todo. João viu e testemunhou.

οἶδαμεν λαλοῦμεν – sabemos, falamos. Temos dois tempos verbais interessantes: o primeiro está no perfeito do indicativo, e o segundo, no presente do indicativo. Da mesma forma, temos ἐωράκαμεν μαρτυροῦμεν – vimos, testemunhamos. Uma ação concluída no passado que reflete no presente. João costuma colocar verbos no presente do indicativo para dar “vida” à narrativa, como no capítulo 20, quando fala da ressurreição, trazendo o reflexo do acontecimento para o hoje: Cristo vive!

Num certo sentido, a Igreja cristã é testemunha de Cristo hoje. É um testemunho que perdura e permanece atual. Ela testemunha fatos que aconteceram, mas que refletem na humanidade por todos os séculos, até a segunda vinda de Jesus. Isso é reflexo da obra continuada do Espírito Santo por meio dos cristãos.

Assim como o testemunho permanece, a rejeição continua a existir. Muitos ainda rejeitam o Cristo crucificado.

O Filho do Homem – É um importante título que Jesus atribui a si mesmo. Usado cerca de 80 vezes nos evangelhos, indica que, embora sendo ser humano, Jesus é verdadeiramente Deus. É um título messiânico que combina a ideia do servo que irá sofrer e morrer por todas as pessoas (Is 53) com o Filho do Homem exaltado, cujo reinado é eterno (Dn 7.13-14).

2.5 Versículos 14-15

Aqui temos uma referência direta ao texto de Números 21.9.

Sobre a serpente levantada no deserto:

“Deus poupou aqueles que aceitaram o meio de resgate que ele proveu. A cura não emanou magicamente de um pedaço de metal, mas dependia da fé no poder da Palavra de Deus. Aquela serpente de bronze foi pendurada como um remédio para as mordidas das serpentes, não como um tipo daquele que sofreu por nós, mas como um contraste; e ela salvou aqueles que olharam para ela, não porque criam que ela tinha vida, mas porque estava morta, e mortos com ela os poderes que lhe eram sujeitos, sendo destruídos como mereciam. Aqueles que foram mordidos pela serpente viva e olharam para a serpente de bronze podiam ser salvos por crer.” (Cirilo de Jerusalém)

“Jesus, nossa serpente viva, tendo a aparência de pecado sobre si, embora não pudesse pecar, foi suspenso sobre a cruz, para que aqueles que são picados pelo veneno da velha serpente, o pecado, possam se tornar espiritualmente íntegros.” (John Wyclif)

(Mais tarde, a serpente foi destruída pelo rei Ezequias, pois havia se tornado objeto de adoração.)

Com o resgate da morte que Deus trouxe por meio da serpente de bronze, tinha-se apenas um tipo do que ele planejava quando o seu Filho encarnado tomou os nossos pecados e foi levantado sobre a cruz. Quando a fé olha para o Cristo crucificado, Deus salva da morte eterna todas as vítimas do veneno fatal do pecado.

“A lei nunca os impediu de crer no Filho de Deus; não, mas ela até mesmo os exortou a fazer isso, dizendo que o homem não pode ser salvo de outra forma da velha ferida da serpente a não ser crendo naquele que, na aparência de carne pecaminosa, é levantado da terra sobre a árvore do martírio, atrai todas as coisas a si e vivifica os mortos.” (Irineu)

No versículo 15 temos o efeito do ser levantado. O objeto da fé é Jesus. Temos dois verbos: πιστεύων – crê, no particípio presente, indicando continuidade; e ἔχη ζωὴν αἰώνιον – tenha a vida eterna, no presente do subjuntivo. Pela fé naquele que foi levantado, tem-se a vida eterna.

Alguns comentaristas atribuem os versículos seguintes a uma interpretação pastoral do autor do evangelho, que faz um fechamento perfeito da conversa descrita nos versículos anteriores. Fica evidente que o pano de fundo que o autor tem em mente é o Batismo de Jesus e aquilo que João Batista viu e testemunhou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.”

2.6 Versículos 16-17

ἡγάπησεν ὁ Θεὸς τὸν κόσμον – Deus amou o mundo. E amou o mundo da seguinte forma: entregou o seu Filho. Sem Jesus é impossível compreender o amor de Deus por nós. É um amor fiel e sacrificial de Deus pelo mundo.

Muitas vezes não nos incluímos na palavra “mundo”. O sermão torna-se proclamatório quando nos identificamos como o mundo que Deus amou, o mundo por quem Cristo foi entregue como sacrifício agradável a Deus. Como disse Lutero: “Olhe para essas palavras, eu lhe peço, para averiguar como e de quem Deus está falando... Ninguém é excluído aqui. O Filho de Deus foi dado para todos. Todos devem crer, e todos os que creem não perecerão. Toque em seu próprio nariz, eu lhe peço, para averiguar se você não é um ser humano (isto é, parte do mundo) e, conseqüentemente, como qualquer outra pessoa, pertence ao grupo daqueles que estão compreendidos na palavra ‘todo’.”

ἔδωκεν – Entregou, ofereceu. Deus não apenas envia, mas torna seu Filho um sacrifício expiatório. “Ser levantado”, no versículo 14, está na voz passiva e não identifica o agente; quando isso acontece, podemos considerar que quem está por trás da ação é o próprio Deus. Aqui isso fica mais claro: foi o próprio Deus quem entregou o seu Filho, quem o levantou.

ἀπόληται – pereça. Estar afastado de Deus eternamente. Muito mais do que fogo e ranger de dentes, é clamar por socorro e ninguém responder.

Pois aquele que crê no Filho de Deus, seja com fé vigorosa, seja com fé débil, tem a vida eterna. A dignidade não está na grandeza ou fraqueza da fé, mas no mérito de Cristo.

“Por isso Deus, por imensurável bondade e misericórdia, faz com que sejam publicamente pregados sua divina e eterna Lei e o maravilhoso conselho quanto à nossa salvação, a saber, o santo e único Evangelho salvador de seu eterno Filho, nosso único Salvador e Redentor, Jesus Cristo.” (Fórmula de Concórdia, DS II 50)

3 SUGESTÕES PARA A PREGAÇÃO

O problema que precisa ser enfrentado é o farisaísmo moderno, que está em alta. Não necessariamente aquele que busca cumprir a Lei de Deus para obter méritos próprios, mas aquele que procura encontrar em si mesmo a própria justificação. Nesse cenário destacam-se as “teologias coach”, movimentos como os Legendários e os inúmeros livros de autoajuda que continuam a vender de maneira impressionante. Todos incentivam o autocontrole e colocam o foco no ser humano e em sua capacidade, em vez de conduzi-lo a buscar em Deus tudo aquilo de que realmente necessita.

Outro problema surge quando as boas obras são proclamadas antes da justificação. Como escreveu C. F. W. Walther em sua obra Lei e Evangelho: “Visto à luz da Lei, qualquer boa obra, não importa quão boa pareça ser – mesmo feita por um cristão –, é condenável aos olhos de Deus.” Quando as obras vêm antes da fé, perdem seu lugar correto e transformam-se em instrumento de falsa segurança.

Estamos no tempo da Quaresma, na caminhada de Jesus rumo à cruz. Muito se fala em arrependimento sincero, contrição e súplica por perdão. É importante lembrar que o verdadeiro arrependimento não é apenas um ato externo, mas algo que nasce no coração — e é o próprio Deus quem o produz em nós por meio da fé. Nas Escrituras encontramos verdadeiros tesouros ao tratar da justificação como obra de Deus realizada em nós pelos meios da graça: a Palavra, o Santo Batismo e a Santa Ceia. É assim que o Senhor opera, concedendo perdão e fortalecendo a fé.

O salmista afirma que Deus é o nosso socorro. E é em Cristo que esse socorro se concretiza. Foi esse mesmo Deus que socorreu Abrão, que creu no Senhor, e isso lhe foi atribuído como justiça. Não foi o cumprimento da Lei que o justificou, mas a confiança nas promessas do Senhor — promessas que se cumprem em Jesus, por meio de quem todas as nações da terra foram abençoadas. Aqui está um ponto essencial para a pregação: a fé que contempla o Salvador e nele confia.

O relato de Nicodemos, que busca Jesus para uma conversa na calada da noite, também serve como ilustração preciosa. Cristo recebe aquele homem que vem das trevas e o conduz à luz. Ele nos acolhe, revela-nos o novo nascimento e nos convida à sua mesa, estendendo-nos o perdão.

Nesse contexto, pode-se falar do amor de Deus em contraste com o amor humano. Vivemos tempos em que se fala de um “amor líquido”, frágil, instável e

facilmente descartável. O amor humano esfria, muda e muitas vezes é interesseiro. Mas o amor de Deus é sólido, eterno e sacrificial.

Como afirma Paul E. Kretzmann: “Que contraste: o Deus santo e eterno e o Seu Filho igualmente santo e eterno dando o melhor e o mais elevado pelo mundo, pela humanidade caída e corrupta, pelo amargo inimigo de Deus! A morte do Filho de Deus é o castigo pelos pecados do mundo; o Filho de Deus morre para que o mundo, todas as pessoas no mundo, possam viver por toda a eternidade. O sangue de Jesus foi lançado na balança como pagamento pelos pecados do mundo. E não há nada a ser feito por parte dos pecadores, a não ser aceitar essa expiação com fé; pois a fé aceita e se apropria da redenção de Cristo. E o crente tem a vida eterna já agora, aqui no tempo. Ele tem certeza da sua salvação, porque ela se baseia na obra de Jesus, o Salvador.”

Assim, permanece claro: não é o homem que sobe até Deus por meio de suas obras, mas é Deus quem desce até o homem em Cristo e o eleva para junto de Deus.

Rev. Gabriel Fernando Hartmann